

O PROCESSO TRADUTÓRIO: UMA RELAÇÃO ENTRE O PENSAMENTO E A PALAVRA

Sônia Gehring
(UFRGS)

Um ponto nevrálgico de toda a teoria da tradução ou tradutologia parece ser o da dificuldade ou impossibilidade de tradução. Se nem toda argumentação a esse respeito coloca o problema como uma dicotomia claramente definida - traduzibilidade x intraduzibilidade - a questão da possibilidade ou impossibilidade de tradução de textos e/ou itens da língua de partida (LP) é, com frequência, discutida na bibliografia especializada. Entre os autores que argumentam pela intraduzibilidade de textos e/ou itens da LP encontra-se Jules Legras (apud Rónai, p. 4) que analisa o processo tradutório como essencialmente lingüístico centrando as dificuldades de tradução nas diferenças de sistemas e buscando soluções na possibilidade de equivalência a nível formal, lexical, gramatical, sem nenhuma referência ao sentido e à equivalência semântica.

Já Catford, ao abordar o problema, diz que "em tradução total, a equivalência de tradução depende da comutabilidade dos textos da língua fonte (LF) e da língua meta (LM)* na mesma situação" (Catford, p. 103). (grifos meus). Para o referido autor a equivalência em tradução deve ser buscada não a nível lingüístico, formal mas sim a nível da função comunicativa do texto na situação em pauta. É o próprio Catford que afirma:

... Para que ocorra, pois, equivalência de tradução, ambos os textos, o da língua fonte e o da língua meta, devem poder relacionar-se com os traços funcionalmente relevantes da situação... (Catford, p. 104)

Os avanços da lingüística, mais especificamente da psicolingüística e da teoria cognitiva, enfatizando a compreensão de um texto como o somatório de aspec-

* Nas citações da obra de Catford foram mantidas as abreviaturas e a terminologia utilizadas na obra consultada, tradução brasileira do original em inglês, 1980.

tos lingüísticos e extralingüísticos, do contexto da situação e do universo cognitivo do leitor possibilitaram uma mudança de enfoque da questão da intraduzibilidade e o surgimento de uma linha de investigação onde a tradução é entendida como um ato de comunicação de pensamentos, de conteúdos informativos. Um dos autores que relaciona o ato da tradução com o pensamento é Jakobson, para quem “toda experiência cognitiva pode ser traduzida e classificada em qualquer língua existente” (Jakobson, p. 67). O referido autor afirma ainda que “a hipótese de dados cognitivos inefáveis ou intraduzíveis seria uma contradição em termos” (Jakobson, p. 70)

Intralingüísticamente traduzimos o tempo todo. Automaticamente interpretamos um enunciado de acordo com a função comunicativa que esse expressa: uma mensagem aparentemente, isto é, formal e gramaticalmente informativa pode, na realidade, ser um conselho, uma proibição ou mesmo uma exigência. Entender o que está sendo comunicado é traduzir, ou como já afirmou Steiner, “inside ou between languages human communication equals translation” (Steiner, p. 47) (grifos meus). Segundo Nida “o tradutor deve buscar acima de tudo assegurar a equivalência funcional da mensagem na língua de partida (LP) e na língua de chegada (LC)” (Nida, p. 66). (grifos meus).

Para assegurar essa equivalência o tradutor deve compreender a mensagem na LP, do contrário não poderá elaborar um texto equivalente e compreensível na LC. Destaque-se ainda que qualquer mensagem - a ser traduzida ou não - “contém uma informação explícita, cuja compreensão só é possível mediante uma informação implícita que o destinatário já possui” (Kintsch e van Dijk, p. 78). Dessa forma, a compreensão real da mensagem parece ocorrer quando à competência lingüística se unem suposições pragmático-semânticas feitas pelo leitor-tradutor a partir de estímulos que estão além da representação gráfica. Ou seja, o leitor-tradutor, na etapa primeira do ato tradutório, o da leitura do texto, constrói mentalmente um texto coerente recorrendo a seu universo cognitivo, ao contexto da situação, a aspectos extralingüísticos e a aspectos lingüísticos. Nesses últimos podem encontrar-se aspectos contrastantes entre a LP e a LC que poderão dificultar, porém raramente impossibilitar, a tradução. Pois, diferenças lingüísticas formais somente impossibilitam a tradução quando o traço formal da LP é ele próprio um traço textual e funcionalmente relevante. Uma tradução pode sim, talvez, não ser passível de realização se for impossível colocar no significado contextual do texto da LC os traços funcionalmente relevantes da situação. Encontram-se aqui aqueles casos em que a dificuldade é cultural. Porém, esse tipo de impossibilidade de tradução é corrente menos “definitivo”. Afora isso, a argumentação a favor da intraduzibilidade só resiste se for levantada fora do discurso. Ao nível da comunicação, isto é, ao nível da fala quando o objetivo da tradução é fazer compreender a seus destinatários o conteúdo da mensagem que lhes é dirigida, essa argumentação cai por terra.

Em resumo, se tomarmos como centro do processo tradutório a decodificação e a recodificação de mensagens, de experiências cognitivas, os problemas provenientes da diversidade existente entre as estruturas lingüísticas da LP e da LC adquirem menor proporção. E, lembrando um ponto onde todos os teóricos da tradução con-

cordam - toda língua é capaz de dizer claramente aquilo que é coerentemente concebido - fica, portanto, afastado o problema de ausência de equivalência no plano dos significados.

BIBLIOGRAFIA

CATFORD, J.C. Uma Teoria Lingüística da Tradução. São Paulo: Cultrix, 1980. Original inglês.

JAKOBSON, R. Aspectos Lingüísticos da Tradução. In: Lingüística e Comunicação. São Paulo: Cultrix, 1970.

NIDA, E.A. and TABER, C.R. The Theory and Practice of Translation. Leiden: E.J. Brill, 1974.

RÓNAI, Paulo. A Tradução Viva. Rio de Janeiro: Educom, 1976.

STEINER, G. After Babel: Aspectos of Language and Translator. Oxford: Oxford University Press, 1975.

van DIJK, T. and KINTSCH, W. Cognitive Psychology and Discourse: recalling and summarizing stories. In: DRESSLER, U. (ed.). Current Trends in Text Linguistics. Berlin: Grynter, 1977.